

# CORPOS-MÁSCARAS E A PANDEMIA DE COVID-19: DIÁLOGOS COM OBRAS DE JOHANNA GOODMAN

## MASKS-BODIES AND COVID-19 PANDEMIC: DIALOGUES WITH JOHANNA GOODMAN'S ARTWORKS

Tiago Amaral Sales<sup>1</sup>  
Nicole Cristina Machado Borges<sup>2</sup>  
Keyme Gomes Lourenço<sup>3</sup>  
Lucia Estevinho<sup>4</sup>

**Resumo:** Em meio a pandemia de covid-19, máscaras assumiram grandes importâncias, povoando estes tempos, percorrendo caminhos que se acoplam a nossos corpos e cotidianos. Em matilha, decidimos cartografar afetos possíveis por *meio* destes objetos em diálogo com obras da artista estadunidense Johanna Goodman. Para a escrita, nos colocamos coletivamente à escuta das vidas que habitam as máscaras, de seus corpos e movimentos que se fundem aos nossos, compondo nos trajetos-vida-pandemia, o desconhecido, e medos, e encontros outros, e... (im)possíveis em territórios pandêmicos.

**Palavras-chave:** Arte; cartografia; Matilha Uivo.

**Abstract:** Amid the covid-19 pandemic, masks assumed great importance, populating these times, following paths that are coupled with our bodies and daily lives. In pack, we decided to map possible affects through these objects in dialogue with works by the American artist Johanna Goodman. For writing, we collectively listen to the lives that inhabit the masks, their bodies and movements that merge with ours, composing in the paths-life-pandemic, the unknown, and fears, and encounters others, and... (im)possible in pandemic territories.

**Keywords:** Art; cartography; Pack Howl.



**Imagem 1** - Agentes profiláticos no varal. Fonte: Acervo pessoal de Nicole Borges.

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia, MG, Brasil.

<sup>2</sup> Universidade Federal de Uberlândia, MG, Brasil.

<sup>3</sup> Universidade Federal de Uberlândia, MG, Brasil.

<sup>4</sup> Universidade Federal de Uberlândia, MG, Brasil.

## Territórios pandêmicos, janelas que uivam e ventam. O que ventam?

O ano de 2020 começou com um ar de suspense, gotículas de medo e desconhecimentos-virais. No Brasil, do lado ocidente mundial, escutávamos nos noticiários sobre um tal vírus novo que aparecera na China e vinha se espalhando pelo mundo. Em fevereiro chegou o carnaval e máscaras participaram dos contextos festivos de muitos foliões, em celebração, aglomeração e rompimento das linhas que separavam fantasia de realidade. Pouco tempo depois, foram noticiados os primeiros casos de infecção pelo coronavírus Sars-Cov-2, responsável por desencadear a doença covid-19. Rapidamente, surgiram diversas opiniões acerca de como se proteger da infecção. As máscaras que até então se restringiam a espaços voltados para as áreas da saúde e estética, trabalhos com manuseio de compostos químicos potencialmente tóxicos e momentos festivos, se estenderam para toda nossa rotina, nossos dias e nossos encontros, ocupando nossos corpos e casas.

Um clique registrou uma cena que se tornou cotidianamente presente, na Imagem 1: máscaras penduradas em um varal, recém lavadas e à espera de se acoplarem novamente aos corpos-humanos, permeando seus rostos, misturando-os. A Imagem 1 atuou como disparadora para movimentar nossos questionamentos acerca da pandemia, dando pistas de algo tão sutil e, paradoxalmente, marcante que rapidamente permeava não só nossos rostos, mas todo o cotidiano que nos cerca: as máscaras. Para além de novas vestimentas, seriam estes pedaços de tecidos, que ora atuam como barreiras sanitárias, também possibilidade de devires? Como atuam as máscaras nos nossos novos encontros? Questões que começavam a viralizar em nossas mentes e conversas.

Em coletivo, nos colocamos a pensar no que nos passava com essas mudanças: pandemia, distanciamentos, incertezas, “novos normais” e desconhecidos. Unidos pelo *UIVO: matilha de estudos em criação, arte e vida*, grupo de pesquisa da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) vinculado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), e também espaço de criação e estudo das filosofias da diferença, nos potencializamos em aberturas para os afetos que nos atravessaram a todo momento. Sobre o coletivo, Tamiris Vaz e Lúcia Estevinho (2020, p. 12) afirmam que:

O grupo tem se reunido por um desejo de fazer ressonar potências que em tempos de crises nos provocam a necessidade de fazer inversões em ações coletivas capazes de mover corpos para fora da existência formatada, de exercitar o constante movimento de estar nas bordas (VAZ; ESTEVINHO, 2020, p. 12, tradução nossa<sup>5</sup>).

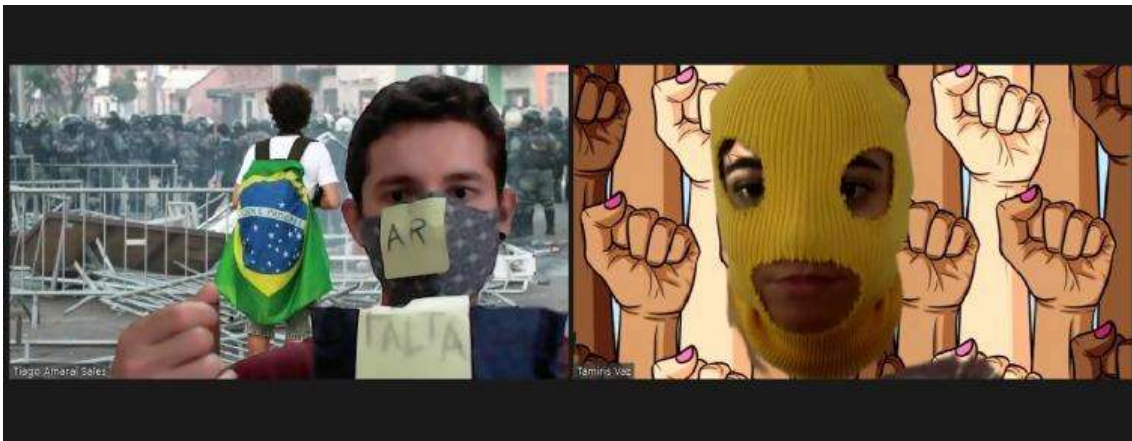
E pelas bordas, nos abrimos para as inconstâncias que nos atravessam. Em territórios pandêmicos, os cenários se mostraram outros, e outros, e outros. Máscaras foram necessárias para nos proteger de síndromes respiratórias virais mortíferas, mas também causam a sensação de dificuldade em nossas respirações. Entre respiros ofegantes, abrimos janelas para podermos nos encontrar e também respirar, como relatamos no trabalho recém publicado “Tricotando Janelas: encontros e desencontros à espreita de um pesquisar” (SALES *et al.*, 2020):

Notamos que as janelas que dispúnhamos já não davam conta dos tantos ares que nos atravessavam nestes novos processos de existir. Talvez nossos modos de olhar para as janelas, de nos debruçarmos e imaginarmos um fora como

<sup>5</sup> O artigo foi publicado em espanhol, e o trecho original é “el grupo se ha reunido por un deseo de hacer resonar potencias que en tiempos de crisis nos provocan la necesidad de hacer inversiones en acciones colectivas capaces de mover cuerpos hacia fuera de la existencia formateada, de ejercitar el constante movimiento de estar en los bordes” (VAZ; ESTEVINHO, 2020, p. 12).

algo apartado do "dentro" de nossos lares, também já não dessem conta de tantos sufocamentos, necessidades de sobreviver e de aprender a viver de outras maneiras. Abrimos a janela do computador na busca por outros modos de respirar. Nossos rostos enquadrados por molduras virtuais nos fazem perceber as tantas outras janelas que solicitam abertura. Nos ocorre que essas aberturas não pedem passagem apenas como recortes das paredes arquitetônicas, mas exigem que nossos corpos encontrem aberturas para novas sensações. Para não sucumbir à ausência de abraços-físicos precisam se abrir a outros modos de abraçar: pela palavra, pela imagem digital, pelo olhar que sorri, pelo aceno que acalenta (SALES *et al.*, 2020, p. 378).

Nessa urgência de abrir janelas para poder respirar, também forjamos microporosidades nas máscaras, em movimentos que geraram marcas em nós, nas máscaras, nos corpos humanos e não humanos, sempre em movimentos coletivos. Na Imagem 2 trazemos registros de fugas em matilha pelas máscaras, em meio a estranhamentos e faltas de ar.



**Imagem 2** - Máscaras, ausências de ar e janelas para respirar. Registro da oficina “Entre janelas: estandartes para conexões possíveis em territórios pandêmicos” ministrada por Tiago Amaral Sales e Tamiris Vaz no Festival Entre Artes 2020. Fonte: acervo dos ministrantes.

Estas máscaras são carregadas de significados, potenciais e sentidos. No contexto da covid-19, ganham novas perspectivas: “Agora, por conta de um inimigo que é imperceptível a olho nu, todos desconfiam de todos, alguns se afastam dos outros por não saberem se, por trás da máscara, há alguém contaminado ou, simplesmente, a pessoa em busca de proteção” (MAIA; MAIA, 2020, p. 39). Desconhecimentos, estranhamentos, medos, distâncias.

Entre isolamentos e saídas necessárias, as máscaras apareceram como possibilidades de proteção e permissão controlada de um encontro. E assim pensamos: De que formas estas máscaras marcam nossas subjetividades? Como elas afetam e permeiam nossos encontros? Assim, nos colocamos no movimento de escrever a partir de alguns atravessamentos que nos passaram, cartografando as intensidades que se fazem presentes em nossos trajetos. Não buscamos esgotar a discussão acerca das máscaras nem instaurar verdades, mas pensar, sentir e desenhar um pouco do que nos atravessa por inteiro, se materializando em nossos contatos cerceados e nos tecidos que cobrem nossos rostos em meio a este novo contexto pandêmico.

Através da Matilha UIVO, houve o encontro com a artista Johanna Goodman, possibilitando um diálogo para pensarmos nas máscaras, através de algumas obras da artista produzidas nestes contextos pandêmicos, ganhando velocidade, pois “escrever deve produzir velocidade” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 27).

## Corpos-máscaras?

Máscaras que cobrem rostos. Cobrem bocas e narizes, angústias e sorrisos. Cobrem feições, afeições. Impediriam afetos ou possibilitariam outras formas de afetar e ser afetado? Máscaras coloridas, de composição diversa. Máscaras que protegem: em meio a pandemia de covid-19, a máscara ganha força como proteção do rosto, do corpo, da vida. Máscara como profilaxia, preservativo de relações cotidianas: barreira-entre-corpos que na medida em que os separa, permite encontros outros.

Como barreira, a máscara acontece no entre: entre eu e outro, eus e outros. Entre gotículas, e vírus, e bactérias, e medos, e neuroses, e... no entre é onde as coisas acontecem, nos meios. Sobre os meios e os entres, Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995, p. 36) afirmam que

É que o meio não é uma média; ao contrário, é o lugar onde as coisas adquirem velocidade. Entre as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 36).

Nesses entres, pelas máscaras é possível que o encontro aconteça presencialmente com certa segurança. Pois, o tecido-da-máscara impede que gotículas possivelmente infectadas com *aquela-tal-vírus-em-formato-de-coroa* se espalhem no ar, dificultando uma infecção-do-outro por mim, ou de mim pelo outro. Surgem questionamentos entre os usuários em relação à eficácia da máscara: o quanto ela realmente protege? Ou apenas dá a sensação duvidosa de proteção? Quais são as melhores máscaras para cuidarmos de nossos corpos? Seria preciso usar mais de uma máscara? Máscaras cirúrgicas, máscaras de tecidos, máscaras de plástico, máscaras bordadas, máscaras industriais.

Meios repletos de questionamentos, que se viralizam na medida em que também germinam certas aversões em relação ao outro e suas diferenças: a máscara protege mas, distancia e separa. Contradições: distâncias entre-corpos instauradas na possibilidade de encontrar-se. E nesses entres, pensamos nos corpos modificados pelas máscaras. O que pode existir entre a máscara e o rosto? Quais feições ficam escondidas? Quais afetos atravessam as máscaras e nos contaminam? É possível se infectar pelas diferenças do outro, mesmo com tantas máscaras, medos e distâncias?

Ao esconderem grande parte do rosto, as máscaras podem causar certo estranhamento e mudar a estética humana que usualmente se encontrava nas ruas e espaços de encontros. Por causar estas diferenças, essas experiências de corpos-humanos acoplados com corpos-máscaras, nos convidam com urgência a pensar em novas formas de se relacionar: pensar em feições que demonstrem pelos olhos o que se sente, aprender a falar por camadas de tecidos que ocupam espaços até então desocupados, pensar em viver e conviver com esta nova-roupagem-pandêmica. Pensar em criar novos mundos por meio de máscaras: as máscaras que nos levam para fantasias, criam outras existências? “Existências mínimas”<sup>6</sup> pelas máscaras estampadas, nos protegendo da iminência da mínima existência biológica: o vírus.

Ao participar de nossas vivências, percebemos as vidas que habitam nas máscaras, e atuam também nas vidas humanas, nos nossos processos subjetivos, afetivos, viscerais. Lúcia Estevinho (2020) nos ajuda a pensar, em diálogo com Tim Ingold, na vida que habita nas coisas: “Coisas atravessam, objetos não. (...) Objetos são fatos consumados. (...) As coisas estão vivas

<sup>6</sup> Inspirado no livro *Existências Mínimas*, de David Lapoujade (2017).

porque elas vazam. Percebemos seus materiais, sua construção, e assim podem se transformar, vazar. Ganhar vida. Matéria da arte” (ESTEVINHO, 2020, p. 154-156). A máscara pode ser muito mais que objeto, pode ser coisa, dando vazão para a vida que nela habita e que vai de encontro às nossas vidas humanas.

Máscara entre o científico e o social, entre a biologia e a cultura. Nos entres, elas ganham cores, desenhos, texturas e formas diversas, dando vazão para a vida que nelas habita.

Assim como suas estampas e materiais de composição são diversos, suas eficácias tecnológico-científicas também variam. Em que medida protegem dos contágios virais? Até onde são barreiras biológico-sanitárias eficientes ou trazem apenas a sensação de proteção? De quais formas são utilizadas? E sobretudo, como afetam os cotidianos? Como marcam as pessoas? Como será um relacionar por e entre máscaras?

Lábios e dentes mascarados. Emoções mascaradas. O que a máscara não esconde são os olhos: pensar em conversas, sorrisos e outras expressões pelos olhos. Se conectar pelos olhos.

Vivências outras: tempos de pandemia, tempos outros... Outras relações, ainda desconhecidas... Processos de adaptação. Um novo vir a ser. Devir. Devir-máscara? Em barreiras, existir, habitar, vazar molecularmente, nos riscos que as micro-aberturas consistem para evitar infecções mortíferas.

Máscaras tecidas com fios, retalhos. Fios de algodão, de histórias, retalhos de cores variadas, vivências... tecendo afetos, memórias... Em que momento outro da vida tivemos que usar máscaras? E sabemos usá-las? Será que funciona? Máscara para quê? Para quem? Coronavírus existe ou não existe? Será que mata?

Centenas de milhares de mortos no Brasil<sup>7</sup>. Milhões de mortos no mundo.

Se o uso de máscara gera desconforto e estranhamento, seu não-uso pode aumentar a propagação e infecção viral. O outro torna-se ameaça: ameaça de contágio. Infecção pelo coronavírus e contágio por sabe-se o quê... cresce um desespero, pânico, medo generalizado que permeia os contatos, e a máscara aparece como proteção possível.

E assim nos colocamos no movimento de cartografar os territórios que temos trilhados, pensando em perguntas ainda sem respostas: O que pode um corpo com uma máscara? Quais vidas habitam as máscaras acopladas aos nossos corpos? Como estas máscaras nos afetam a viver experiências outras em contextos pandêmicos?

## Derivas em máscaras

Um novo olhar para o varal, para os rostos, os corpos, os olhos, as máscaras. Nestes tempos pandêmicos, nós passamos a olhar o mundo com mais cuidado, sensibilizados por medos e incertezas que emergem a partir da presença - mesmo que muitas vezes apenas imaginativa - de um agente infeccioso. Retomando a discussão sobre a Imagem 1, uma fotografia desencadeia derivas e olhares outros para as máscaras, para um contexto, para a casa, para a vida. Os novos integrantes do varal, requerem cuidados especiais para continuarem mantendo sua função de proteger nossos corpos-humanos. Várias estampas, modelos e promessas de proteção. E agora pensamos: Com quais máscaras nós vamos sair?

<sup>7</sup> No dia 10 de dezembro de 2020, durante as primeiras escritas deste parágrafo, o Brasil registrava mais de 178 mil mortes em decorrência da covid-19 e seis milhões e setecentas mil pessoas acometidas pela infecção, segundo o site do Ministério da Saúde (<https://covid.saude.gov.br/>) (acessado em 10/12/2020). Ao realizarmos a última revisão deste trabalho antes de sua publicação, no dia 27 de maio de 2021, o número de mortes pela covid-19 atingiu no Brasil a triste marca de 454 mil vidas perdidas, e o dezesseis milhões de pessoas infectadas, também segundo o site do Ministério da Saúde (<https://covid.saude.gov.br/>) (acessado em 27/05/2021).

A cada encontro, um novo caminho e um movimento surge. E, a partir do encontro com as colagens da artista Johanna Goodman, nossas perspectivas sobre arte, pandemia e máscaras se desestabilizam e deslocam. Goodman é uma artista que mora na cidade de Nova York, tendo se graduado em Boston e Nova York, e produzido obras para grandes museus como o *The Museum of Natural History* e jornais mundiais, como *Rolling Stone*, *Le Monde* e *The New York Times*<sup>8</sup>. Durante a pandemia, através do *Instagram*<sup>9</sup> nos encontramos com as obras da artista e a potência de suas colagens, dando proporções outras aos corpos e às “coisas” que os acompanham, que também são corpos e possuem suas vidas.

### Corpos-máscaras e diálogos com Johanna Goodman

Imagens que falam. Máscaras vivas. Corpos que se formam e deformam em contextos pandêmicos. A máscara é um corpo? Uma vida pelas máscaras... O que pode uma vida mascarada? O que pode um corpo-máscara?

Pensar em pandemia e máscaras junto de Goodman é pensar num corpo que necessita sair, mas, ao mesmo tempo, deseja - ou lhe é imposto - se manter fechado na expectativa de proteger-se, distante de misturas com outros corpos, nos levando a possibilidades de ensaiar que, talvez, o medo à contaminação com diferenças não venha destes territórios pandêmicos, mas de momentos outros, carregados de noções biomédicas e tentativas de fuga do que difere a si.

Em processos de deriva pelos corpos-máscaras, nos movimentamos em questionamentos pelas imagens que nos chegam e que também produzimos, compondo, contaminando e nos infectando pelo outro, e até pelo medo de se contaminar.



**Imagem 3** - Produção da artista Johanna Goodman divulgada em sua página oficial do Instagram.

Fonte: Goodman (2020a).

<sup>8</sup> Informações coletadas no site oficial de Johanna (<http://www.johannagoodman.com/#/profile>), acessadas no dia 11/12/2020.

<sup>9</sup> A página oficial da artista Johanna Goodman é (<https://www.instagram.com/johannagoodman/>), acessada em 11/12/2020.

Para nos proteger usamos máscaras. Máscaras que protegem nossas vidas e as vidas dos outros. Mas protegem de que? Da vida, do outro? Vida viral? Vida diferente da minha? Protegem-nos de contaminações. Seriam nossos corpos puros e fechados?

Máscaras, luvas, capas, botas, cúpulas e guarda-chuvas compõem a trama-proteção que a artista Johanna Goodman produz na Imagem 3. As máscaras protegeriam a pessoa que caminha com olhares desconfiados pela rua? Em meio a tantas proteções, essa pessoa está intensamente seccionada do mundo que a circula. “Mundo cheio de guerras, de vírus malditos e tudo o mais” (DELEUZE; PARNET, 1995, p. 51), como comenta Deleuze em seu Abecedário respondendo à Parnet que ser velho é ter passado por tudo isso - "guerras, vírus e tudo mais", ser velho "é ser". Pandemias virais atravessam as histórias da humanidade. Também são pandemias de medo: medo do outro que passa a ser risco-de-vida. Do medo, chega-se ao pânico, a fobia de encontros, permeada pelo cuidado e também pelo horror.

Viver em uma bolha? Seria possível se desvincular de todas as tramas que nos atravessam e contaminam? A própria máscara necessita de ser porosa para respirarmos. Sem estas porosidades, não há espaço para a vida. Tanto se falava sobre “sair da bolha” e entrar em contato com realidades outras, mas, agora “a bolha” é também uma possibilidade de se proteger. Assim, nos colocamos em questionamentos-sem-fim: Como (sobre)viver nestes territórios pandêmicos mantendo a porosidade necessária para respirar, se nutrir e desenvolver, mantendo o corpo em movimento, ao mesmo tempo em que nos protegemos do outro, que também é perigo de contaminação? Mais que o outro, a própria contaminação é perigosa e aí precisamos pensar-sentir nos riscos possíveis de se correr, nos rabiscos a serem traçados em nossos trajetos, em nossos corpos, com nossas máscaras.



**Imagem 4** - Produção da artista Johanna Goodman divulgada em sua página oficial do Instagram.

Fonte: Goodman (2020b).

Em locais de convívio coletivo, as chances de se infectar aumentam, e com isso tentamos nos proteger: máscaras no rosto, álcool em gel nas mãos e a prece para não se contaminar com o vírus. Entretanto, somos susceptíveis a transportar o vírus pelos locais. Nas roupas, nas sacolas do mercado, em um pequeno descuido nas atividades essenciais. Johanna Goodman, com sua obra destacada na Imagem 4, nos desloca a pensar nos desafios desse momento. As roupas que nos protegem do frio e do sol, podem carregar o vírus. Como nos proteger do invisível? Como transformar nossa rotina mais segura? Sempre seremos potenciais transportadores desse “vírus maldito”? Seriam possíveis convivências mais pacíficas com a iminência do vírus e, quem sabe, (co)existências virais?

Com imagens de microscopia eletrônica do vírus em preto e branco como corpos-invisíveis, que podem habitar o corpo-humano e que também o salta: o vírus salta aos corpos, brota, multiplica. Com as mãos sempre em posição de prece: a que(m) será que esse corpo clama? Preces por dias melhores? Preces pela cura, pela vacina, pela distância, pelo vírus?

O mundo se tornou uma selva<sup>10</sup>, e nele tentamos (sobre)viver através dos dias. As idas ao mercado se tornaram verdadeiras lutas. Todos os cuidados são considerados poucos quando nos referenciamos ao inimigo invisível. As roupas trocadas, os alimentos minuciosamente lavados e as mãos higienizadas diversas vezes ao longo do processo... Como seguir todos estes protocolos? Até quando serão necessários tantos cuidados? É possível se sentir seguro em meio ao caos?



**Imagem 5** - Produção da artista Johanna Goodman divulgada em sua página oficial do Instagram.

Fonte: Goodman (2020c).

<sup>10</sup> Na legenda da foto a artista escreve “Into the wild”, em tradução livre “Na selva”.



Pelos corredores dos hospitais, máscaras cirúrgicas, luvas e as mãos em prece. Em sua publicação, Johanna escreve “*State of Unease*”, o estado de inquietação toma conta de nossas vidas. Na Imagem 5, um corpo continua em prece, porém sem máscaras no rosto: o corpo está completamente repleto de máscaras, imerso, um corpo que é máscara. Corpo azul em meio ao cinza hospitalar. Azul-solidão? Azul-cor-da-cura? Azul-esperança?

### Do varal para a janela, da arte para o corpo



**Imagem 6** - Máscaras: sobrevidas em janelas? Fonte: Fotografia de Tamiris Vaz e acervo pessoal da artista.

Pode uma máscara ganhar corpo? Pode um corpo ganhar vida? Há vidas separadas por máscaras? Há vidas amparadas por máscara? Máscaras em janelas, no queixo, na testa, no chão da rua, máscaras em telas, máscaras. Mas, *cara*?

As artes podem criar brechas para a instauração de linhas de fuga em meio a durezas pandêmicas: “Sobre as linhas de fuga, só pode haver uma coisa, a experimentação-vida” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 39). Experimentando novas formas de vida, novas formas de ensaiar a vida. O diálogo com as obras de Johanna Goodman, potencializaram nossos encontros com as máscaras e nossas experiências pandêmicas, nos afetando e marcando nossas cartografias.

Por meio das máscaras e em meio às máscaras, encaramos um mundo novo de incertezas, na tentativa de uma proteção que preserve a vida e que possibilite também encontros necessários e desejados. Talvez germinar, criar, compor com as máscaras, como na Imagem 6, abrindo janelas possíveis de se respirar em coletivos, vivendo e sobrevivendo em territórios turbulentos. Entre máscaras e obras artísticas, forjando fugas em matilha, nos amparando coletivamente em meio ao caos.

Entregar a nós mesmos formas outras de pensar existências. Com a Filosofia da Diferença, em conexão entre a *Rede*, e artes, e resistências pandêmicas, e desejos-vacina, e...

### Agradecimentos

Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento das bolsas de pesquisa, ao *UIVO: matilha de estudos em criação, arte e vida* (UFU) pelos movimentos que nos deram forças para traçar estas cartografias e à Tamiris Vaz pelas discussões coletivas e imagens cedidas de seu acervo pessoal.

### Referências

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. Vol. I. São Paulo: Ed. 34, 1995.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Abecedário de Gilles Deleuze*. Éditions Montparnasse, Paris. Filmado em: 1988-1989. Publicado em: 1995.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998. 184 p.

ESTEVINHO, Lúcia de Fátima Dinelli. Quando "as coisas" ganham vida: ensinando biologia pela arte. In: FERREIRA, Marcia Serra et al. *Vidas que ensinam o ensino da vida*. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2020. p. 149-162.

GOODMAN, Johanna. *Today's feels • New York fashion*. 4 mar. 2020a. Instagram: @johannagoodman. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B9U1zkdBjIF/>. Acesso em: 06 jan. 2021.

GOODMAN, Johanna. *Into the Wild*. 11 mai. 2020b. Instagram: @johannagoodman. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CAEWGmiBG-t/>. Acesso em: 06 jan. 2021.

GOODMAN, Johanna. *State of Unease*. 2020c. Instagram: @johannagoodman. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B-Pqzq5BR9/>. Acesso em: 10 nov. 2020.

LAPOUJADE, David. *Existências Mínimas*. São Paulo: n-1 edições, 2017.

MAIA, Rosemere Santos; MAIA, Carlos Eduardo Santos. Cura ut Valeas! Múltiplos usos e faces das máscaras em tempos de pandemia. *Ateliê Geográfico*, Goiânia, v. 14, n. 2, p. 29-50, ago. 2020.

SALES, Tiago Amaral; VAZ, Tamiris; GARLET; Francieli Regina; ESTEVINHO, Lúcia de Fátima Dinelli; LOURENÇO, Keyme Gomes; BORGES, Nicole Cristina Machado. Tricotando janelas: encontros e desencontros à espreita de um pesquisar. *Alegrear*, Campinas, v. 26, ago./dez. 2020, p. 375-392. Disponível em: <https://alegrar.com.br/dossie-26-44/>. Acessado em: 20 dez. 2020.

VAZ, Tamiris; ESTEVINHO, Lucia. Potencia del aullido para existencias singulares en manada. *La Deleuziana* – Revista on line de filosofia, número especial 1/2020, p. 12-22, 2020. Disponível

em: <http://www.ladeleuziana.org/wp-content/uploads/2020/10/3.-Vaz-y-Estevinho.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2020.

### **Sobre os autores**

**Tiago Amaral Sales** é Licenciado e Bacharel em Ciências Biológicas (Universidade Federal de Uberlândia) e tem Mestrado em Educação (Universidade Federal de Uberlândia). É doutorando em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação (Universidade Federal de Uberlândia) e pesquisa nas conexões entre educação, arte, afetividade, corpo e ciências, em diálogos com as filosofias da diferença. É integrante do UIVO - Criação, arte e vida (Universidade Federal de Uberlândia); e do GPECS – Gênero, corpo, sexualidade e educação (Universidade Federal de Uberlândia). Bolsista CAPES.

*E-mail:* [tiagoamaralsales@gmail.com](mailto:tiagoamaralsales@gmail.com).

**Nicole Cristina Machado Borges** é graduada em Ciências Biológicas (Universidade Federal de Uberlândia), é Mestranda em Educação (Universidade Federal de Uberlândia). É integrante do Grupo de Estudos Uivo - Criação, arte e vida da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Pesquisa sobre os temas de Cultura, Filosofia da Diferença, Estudos Culturais e Ensino de Ciências. Bolsista CAPES.

*E-mail:* [nicolecristinam@gmail.com](mailto:nicolecristinam@gmail.com).

**Keyme Gomes Lourenço** é graduada em Licenciatura em Ciências Biológicas (Universidade Federal de Uberlândia) e faz Mestrado em Educação (Universidade Federal de Uberlândia). Integra a Matilha Uivo: Criação, arte e vida da Universidade Federal de Uberlândia e Coordena a Mostra Áudio Visual [em]curtas. Tem experiência na área de cine-filosofias, com pesquisa nos seguintes temas: Cinema, Filosofia da Diferença, Culturas e Imagens. Bolsista CAPES.

*E-mail:* [keymelourenco@gmail.com](mailto:keymelourenco@gmail.com).

**Lucia Estevinho** é graduada em Licenciatura em Ciências Biológicas, tem Mestrado e Doutorado em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). É professora e pesquisadora da Universidade Federal de Uberlândia. Tem experiência na área de Educação em Biologia, com pesquisa nos seguintes temas: Conexões entre arte, educação em biologia e cultura visual.

*E-mail:* [lucia.estevinho@ufu.br](mailto:lucia.estevinho@ufu.br).